



DOSSIER DE PRODUÇÃO

A MULHERZINHA





A MULHERZINHA



*A partir de "A Mulherzinha", "À Noite", "A Ponte",
"Regresso a Casa", "Descrição de uma Desavença", "O Abutre" e
"Carta a Oskar Pollak" de **Franz Kafka***

**Ideia Original, Adaptação
e Interpretação** Inês S Pereira

**Tradução (a partir da versão inglesa
de Willa e Edwin Muir), Adaptação e
Encenação** Pedro Galiza

ÍNDICE

SOBRE A COMPANHIA 4

INTRODUÇÃO 5

UM EXERCÍCIO DE IDENTIDADE 6

O ESPECTÁCULO

SINOPSE 7

ALTER EGO

FICHA TÉCNICA E ARTÍSTICA 8

INFORMAÇÕES E CONDIÇÕES TÉCNICAS 9

INFORMAÇÃO GERAL

NECESSIDADES TÉCNICAS

NOTAS BIOGRÁFICAS 12

CONTACTOS 13

Tendo por objectivo ser uma estrutura de contínua pesquisa, investigação, criação e produção teatrais, a Marácula sumariza-se a si própria como um recreio de actores. Um recreio sério e a sério, artística e esteticamente meticuloso e com uma aguda consciência das responsabilidades inerentes ao acto teatral, mas, ainda assim, um recreio, um espaço de liberdade onde os impulsos criativos dos seus integrantes se podem exercitar, cruzar, questionar e materializar em formas continuamente renovadas. Um refúgio alheado do crescente mercantilismo das artes cénicas onde a integridade artística é um valor absoluto, o teatro é um fenómeno que se auto-justifica e o actor é um mensageiro provocador, um artesão em contínuo aperfeiçoamento e um tradutor privilegiado do mundo que o rodeia, nunca um produto de consumo fácil.

O intérprete como agente vivo da criação no momento da mesma; a arte como motor transformador do “aqui” e “agora”; o palco como ponto de encontro e comunhão entre o presente quotidiano e sensível do público e a ficção posta em movimento pelo performer. São estas as linhas-mestras da nossa filosofia de criação e cujos intrínsecos desafios abraçamos com entusiasmo, procurando produzir um trabalho tecnicamente exigente, coerente e depurado, mas nunca conformado ou conformista.

Sendo uma estrutura transnacional cujo trabalho se desenvolve simultaneamente em Portugal e Espanha (e sendo também uma entidade que não pretende apenas suportar a produção de criações próprias, mas também estabelecer pontes com outros projectos e criadores), a Marácula apresenta-se como uma companhia nascida de e para o cruzamento de vontades, assumindo plenamente um papel multifacetado no desenvolvimento das artes cénicas e estruturando-se, assim, como um projecto congregador, multiplicador e difusor de visões e discursos teatrais distintos e diversos. O FIS – Festival Internacional de Solos, co-produzido com a Ventos e Tempestades e o Cine-Teatro Garret, apresenta-se, assim, como um exemplo particularmente relevante dos esforços encetados nesse sentido pela companhia. A Marácula é uma câmara de ressonância de inquietações artísticas que perpassam e animam toda uma geração de autores cénicos fortemente comprometidos, empenhados e, acima de tudo, sedentos.

INTRODUÇÃO

“A Mulherzinha” a partir de vários textos de Franz Kafka, um dos escritores mais influentes do século XX e cujo universo de esplendor fragmentado, por vezes cómico, outras distópico, é, neste espectáculo, corporizado na frágil figura de uma mulher assombrada por reflexos de si própria.

“Que excêntrico que permita ser torturada assim.”

Fazendo parte do ciclo de cinco solos que a Marácula estreou em 2015 na primeira edição do FIS – Festival Internacional de Solos, “A Mulherzinha” é uma das primeiras

abordagens inspiradas nos grandes autores do século XX, homenageando, neste espectáculo, Franz Kafka, o mais melancólico e debilitado dos autores que sempre retratou os recantos mais sombrios e profundos da humanidade, com inteira frieza, distância e dureza.

N’ “A Mulherzinha” espelha-se uma actriz que vive os conflitos da personagem dentro do espectáculo e, quiçá, fora dele também. N’ “A Mulherzinha” não se procura oferecer ao público uma identificação simples, tradicional e infalível com aquilo a que se assiste, mas uma difícil, complexa e árdua reflexão e dúvida sobre o que se julga ter assistido.



UM EXERCÍCIO DE IDENTIDADE

O espectáculo

"Que eu seja ou não uma pessoa melhor é-lhe absolutamente indiferente."

Um museu de identidade. Ou uma galeria de inseguranças. Um corredor onde a soma de tudo aquilo que tememos está em exposição. Assim é "A Mulherzinha", um exercício de confronto permanente entre a protagonista e uma "mulherzinha" sem biografia palpável e cujo desprezo é uma inesgotável fonte de angústia. Nos metros que separam, em cena, o confortável cadeirão da personagem e a moldura vazia onde, supomos, vive a imagem da "mulherzinha", ergue-se um campo de batalha. O combate é, acima de tudo, interno: sentindo-se o alvo das acusações permanentes às quais não pode satisfatoriamente responder, a personagem vira-se para dentro, para as dúvidas que lhe roem o íntimo, e aí, nessa zona de desconforto doloroso, encontra sempre redobradas forças para aguentar o ataque incessante.

A "mulherzinha" não existe. Ou antes, a sua existência não é completa. Falta-lhe um corpo, falta-lhe verosimilhança, falta-lhe uma voz própria, uma opinião que não seja previamente filtrada pelos anseios da protagonista. Mas, ao mesmo tempo, esta sua não-existência confere-lhe um incomensurável poder: ao ser uma ficção, é também uma sombra que cobre todo o mundo da personagem, uma obsessão doente de incontornável relevância e interesse. Imaginamos, em última análise, que a "mulherzinha" é a própria protagonista, uma personalidade alternativa que luta pelo controle do corpo. As vozes omnipresentes no espectáculo, que compõem quadros de um passado distante, certamente parecem indicar que estas duas mulheres, cujo ódio recíproco parece não ter limites, estão umbilicamente unidas e eternamente aprisionadas numa guerra por supremacia. Em última análise, a "mulherzinha" e a mulher olham-se uma à outra, vêem-se, reconhecem, ambas, a "insustentabilidade das suas posições" e, ainda assim, nada podem fazer senão continuar o despique...

SINOPSE

Alter ego

"Existe um objectivo, mas nenhum caminho; o que chamamos caminho é hesitação." — Franz Kafka

Há aqueles que amamos, que respeitamos, há aqueles que nos são indiferentes, indistintos, indiferenciados e há, também, aqueles que odiamos, que tememos, que desprezamos. Poderá uma só pessoa ser todas essas outras pessoas que compõem a fértil paisagem das relações humanas? Poderá uma só individualidade albergar em si um tão diversificado catálogo de vícios e virtudes que, pela sua simples enumeração e enunciação, duvidamos estar a falar de uma única pessoa? O inesgotável drama da identidade, da multiplicidade do ego, do sermos quem somos face ao que pensam que somos, é o inquietante assunto em tese n' "A Mulherzinha". Tendo por base o conto homónimo de Franz Kafka, escrito no ano de 1923 em jeito de mordaz homenagem à sua senhoria em Berlin-Steglitz, este é um exercício cénico sobre a personalidade, a sua percepção e aceitação, sobre o estilhaçar do "eu" em múltiplos fragmentos que alimentam um permanente e irresolúvel conflito entre si. Somos todos, cada um à sua maneira, um cosmos em eterna ebulição. E ninguém mais do que a nossa protagonista que, perante uma moldura vazia, guerreia pela afirmação do seu lugar no mundo.



A MULHERZINHA

A partir de “A Mulherzinha”, “À Noite”,
“A Ponte”, “Regresso a Casa”, “Descrição de
uma Desavença”, “O Abutre” e “Carta a Oskar
Pollak” de *Franz Kafka*

**Ideia Original, Adaptação, Interpretação
e Voz-off** Inês S Pereira

**Tradução (a partir da versão inglesa de
Willa e Edwin Muir), Adaptação e
Encenação** Pedro Galiza

**Espaço Cénico, Desenho de Luz
e Figurino** Pedro Morim

**Sonoplastia, Motion Design e
Fotografia** Nuno Leites

Design Gráfico Adriana Leites

Produção Marácula – Associação Cultural

© 2015



INFORMAÇÃO GERAL

O ESPECTÁCULO

O espectáculo desenrola-se num único acto e tem uma duração aproximada de 50 minutos, sem intervalo. A sua representação poderá ser realizada em teatros convencionais (com palco à italiana), salas-estúdio (tipo Black Box) ou outros espaços não-convencionais, mediante a aprovação prévia e adaptação correspondente da directoria técnica da companhia.

O ESPAÇO CÉNICO

Espaço livre, com torres de iluminação montadas à esquerda e direita do centro cénico. Na esquerda baixa uma poltrona com um candeeiro de pé, e, a dez metros de distância, no ângulo diametralmente oposto, direita alta, uma moldura de aproximadamente 1,70 m de altura e 65 cm de largura.

PESSOAL DA COMPANHIA

Intérprete: Inês S Pereira / *Encenador:* Pedro Galiza / *Técnico:* Pedro Morim

PESSOAL DO ESPAÇO DE ACOLHIMENTO E SUPORTE

Para a montagem será necessário, nos espaços em que tal se justifique, um técnico instruído no funcionamento dos equipamentos de som e luz do teatro. Este técnico ajudará tanto na montagem como na desmontagem do material. Em espaços não convencionais sem acesso a equipamento de luz próprio, a companhia trará o seu próprio material.





© Nuno Leites

CONDIÇÕES DO ESPAÇO DE ACOLHIMENTO

A zona de carga deve estar livre de qualquer veículo antes da chegada da companhia. Solicita-se, pelo menos, um local que sirva de vestuário, com acesso a espelho e lavabos.

TRANSPORTE DA COMPANHIA

A equipa far-se-á transportar em veículo próprio. O espaço de acolhimento compromete-se a facilitar uma zona de estacionamento destinada ao veículo da companhia, assim como obter, em casos em que tal se justifique, as correspondentes licenças de estacionamento e acesso ao recinto.

ACESSO AOS LOCAIS DE CARGA E DESCARGA

A descarga do material e a entrada deste no espaço de representação deverá realizar-se numa zona para isso habilitada, em casos que tal se justifique.

PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO DE TRABALHO

Montagem do equipamento cénico

1 hora (aprox.)

Montagem do equipamento de luz da companhia

4 hora (aprox.)

Montagem do equipamento de som

1 hora (aprox.)

Sub-total da montagem

6 horas

Preparação da actriz para o espectáculo

1 hora

Espectáculo

50 minutos (aprox.)

Desmontagem

1 hora

Total

8 horas e 50 minutos

NECESSIDADES TÉCNICAS

ESPAÇO DE APRESENTAÇÃO

Espaço livre, com um mínimo de 12 metros de largura por 8 metros de profundidade, para montagem do dispositivo cénico, o que não inclui plateia.

LUZ

Controle

1 mesa de luz com um mínimo de 6 canais

Regulação

6 canais de dimmer

Projectores

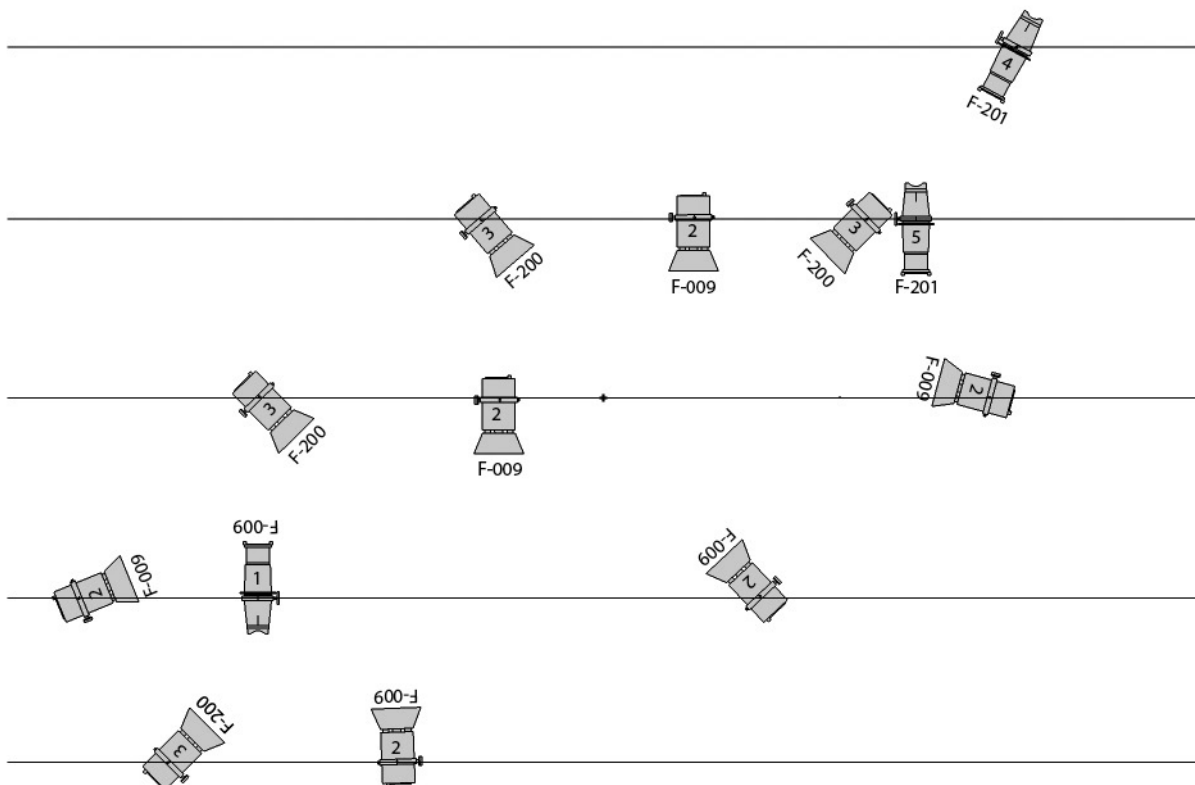
- 10 PC's RJ 1000w ou similar (com palas, porta-filtros, garra e cabo de segurança)
- 3 Recortes ETC 750W ou similar (com porta-filtros, garra e cabo de segurança)

Estruturas

2 torres laterais

SOM

Sistema de PA, com possibilidade de ligação a um computador.



Inês S Pereira

Ideia Original, Adaptação, Interpretação e Voz-off

Inês S Pereira nasceu em 1989 em Almada, Lisboa. Trabalha em teatro desde 2005 e é formadora de Expressão Dramática desde 2008. É formada em Teatro-Interpretação pela ESMAE/IPP. Trabalhou com Richard Stourac, Marco António Rodrigues, Nuno Carinhas, Lee Beagley, Inês Lua, Rodrigo Malvar, Catarina Lacerda, António Durães, Ewan Downie, entre outros. Em 2011, co-fundou o Pelintra – Grupo de Teatro d’ A Filantrópica, e, em 2013, integrou a direcção dessa cooperativa, colaborando como produtora e programadora do Philantra – Festival de Arte Independente, até 2015. Co-fundou a Marácula em 2013, exercendo, actualmente, as funções de actriz, apoio à produção e logística. Integra, desde 2015, a equipa de produção e logística do FIS – Festival Internacional de Solos, e dirige o Núcleo de Expressão Dramática Devisa da ESRP/Póvoa de Varzim.



Pedro Galiza

Tradução, Adaptação e Encenação

Pedro Galiza nasceu em 1986 na Póvoa de Varzim. É formado em Teatro-Interpretação pela ESMAE/IPP. É formador de Expressão Dramática desde 2005. Trabalhou com as companhias de teatro Assédio e Ensemble. Foi dirigido por João Cardoso, Emília Silvestre, Rogério de Carvalho, Carlos Pimenta, Jordi Ribot Thunnissen, entre outros. De 2008 a 2015, integrou a direcção d’ A Filantrópica, onde foi também formador do Pelintra – Grupo de Teatro e colaborou como produtor e programador do Philantra – Festival de Arte Independente. Co-fundou a Marácula em 2013, exercendo, actualmente, as funções de director artístico e actor. Integra, desde 2015, a equipa de produção e programação do FIS – Festival Internacional de Solos, e dirige o Núcleo de Expressão Dramática Devisa da ESRP/Póvoa de Varzim.



Pedro Morim

Espaço Cénico, Desenho de Luz e Figurino

Pedro Morim nasceu em 1994 na Póvoa de Varzim. Estudou piano, acordeão, canto e pintura. Entre 2011 e 2015, participou como actor, técnico de luz e cenógrafo no Pelintra – Grupo de Teatro d’ A Filantrópica. É formado em Cenografia pela ESMAE/IPP. Trabalhou com as companhias Voadora e LaFontana – Formas Animadas; com Patrick Murys, Marta Pazos, Carlos Pimenta, Gonçalo Amorim, Marcelo LaFontana, Cláudia Ribeiro, Luís Stoffell, Filipe La Féria, Amauri Alves, entre outros. Co-fundou a Marácula em 2013, onde actualmente exerce a função de director técnico. De 2014 a 2015, colaborou também como director

técnico n’ A Filantrópica e no Philantra – Festival de Arte Independente. Colaborou como aderecista para o Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga e para a Escola de Samba Costa de Prata (Carnaval de Ovar 2016). Integra, desde 2015, a equipa técnica do FIS – Festival Internacional de Solos.



Nuno Leites

Sonoplastia, Motion Design e Fotografia

Nuno Leites nasceu em 1990 na Póvoa de Varzim. É formado em Artes Digitais e Multimédia e em Motion Design pela ESAD Matosinhos. Entre 2011 e 2015, colaborou como programador e motion designer em projectos d’ A Filantrópica, tendo produzido o Philantra – Festival de Arte Independente. De 2013 a 2014, trabalhou na produtora Bungalow, em Barcelona. Co-fundou a Marácula, em 2013, e o estúdio de comunicação Snack, sediado no Porto, em 2014, trabalhando, actualmente, como motion designer para as duas estruturas. Integra, desde 2015, a equipa de produção e comunicação do FIS – Festival Internacional de Solos.



Adriana Leites

Design Gráfico

Adriana Leites nasceu em 1987 na Póvoa de Varzim. É formada em Artes Digitais e Multimédia e em Design de Comunicação pela ESAD Matosinhos. Entre 2011 e 2012, trabalhou como web designer na TPWD – Web Design Studio. Entre 2013 e 2015, colaborou como designer de comunicação em projectos d’ A Filantrópica, tendo feito parte da equipa de comunicação da 4ª edição do Philantra – Festival de Arte Independente. Co-fundou a Marácula, em 2013, e o estúdio de comunicação Snack, sediado no Porto, em 2014, trabalhando, actualmente, como designer de comunicação para as duas estruturas. Integra, desde 2015, a equipa de produção e comunicação do FIS – Festival Internacional de Solos.





FICHA TÉCNICA E ARTÍSTICA DA COMPANHIA

Direcção Artística

Pedro Galiza

Produção

Inês Carvalho e Lemos (*em Portugal*)

Apoio à Produção e Logística

Giselle Stanzione (*em Espanha*)

Inês S Pereira (*em Portugal*)

Directoria Técnica e Apoio Logístico

Pedro Morim

Design de Comunicação

Adriana Leites

Motion Design, Web Design e Fotografia

Nuno Leites

